

## “DELEUZEAR”, SOFRESSOR!

Fernando Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** As problemáticas em unir imagem, filosofia deleuziana e campo educacional nas tirinhas do personagem Sofressor.

**Palavras-chave:** Imagem; Deleuze; Sofressor.

### “Deleuzear”, Sofressor!



Acreditar no mundo?!... No momento final desse quadrinho outra ideia invade... Ele caminha com os alunos pelo cemitério... Penso nos rizomas deleuzianos... um aluno pergunta: “Professor porque uma excursão.” ... O roteiro é interrompido, outra ideia rompe o enredo: mas Rancière utiliza a *frase-imagem*... elementos se conectam no caos... quando termino uma tirinha, logo penso em outra e outra. E contido nessas outras, há outros elementos que se distanciam quando se aproximam. A filosofia, a educação e os quadrinhos juntos, formam um corpo estranho para cada qual. Uma estranheza que surgiu, para mim, na ideia de traçar o universo educacional pela ótica de um professor de filosofia. Ser docente é inserir-se num campo problemático repleto de leis, ideologias, diretrizes e práticas educacionais antipedagógicas. Em menos de um ano na profissão, procurando meu lugar nesse caos e para ajudar a me perder mais ainda, acabei encontrando o Sofressor<sup>2</sup>; bosquejado no suor, no giz, numa zona de fragilidade social, em salas de aulas superlotadas; ele, junto comigo, ouviu o governador fabular políticas para solucionar decréscimos de índices educacionais. Com ele vi greves, discursos de ódio proferidos por professores que se consideravam politizados em detrimentos de colegas de profissão alienados, com ele senti a dor de perder alunos para o tráfico, com ele abaixei a cabeça e gritei em forma de pensamento “E agora?!” ao ver holerite pós-greve no mesmo dia que vi as contas pré e pós-greve. Com ele, ops!, não é uma esquizofrenia filosófica, vejo-o vivo e em seus traços além de conter minha história refleti que precisava singularizá-lo, se sou professor de filosofia o raciocínio era que eu precisava embasar filosoficamente sua existência, resolvi ir atrás de ideias que o justificasse, nesse ínterim conversei com Pirandello na leitura de *Um, Nenhum, Cem mil*, esse escritor pensava um humor filosófico sob a ótica da máxima: triste na alegria e alegre na tristeza, o humor pode ser algo triste que faz pensar a tristeza ou a própria alegria, a tristeza pode ser algo alegre, em alguns quadrinhos sentia isso, por exemplo, depois de uma jornada extensa de trabalho, descer de um ônibus lotado quase meia noite, sem jantar...

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia da Educação / Unicamp e professor de Filosofia no Ensino Médio na rede pública de Campinas. E-mail: [filocruz2003@yahoo.com.br](mailto:filocruz2003@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Todas as tirinhas utilizadas neste trabalho estão no site <<http://www.sofressor.com.br>>.



Montaigne também constitui o DNA desse personagem quando ele cita que a filosofia não precisa ser carrancuda, mórbida e azeda, ele preconiza a junção entre o proveito e a diversão no filosofar. Talvez, a maior fundamentação do Sofressor são meus diálogos com Deleuze, na realidade, achei que tinha solucionado com as tirinhas uma questão extremamente cara para mim: se a imagem poderia ser um conceito filosófico? Os três principais critérios deleuzianos para a criação conceitual eu acreditava ter confeccionado: um personagem filosófico, o Sofressor; tracei um plano de imanência (o campo educacional e filosófico, ambos em atrito) e tinha criado conceitos corporificados sem traços que eram vivenciados pelo personagem. Criar, também é deslocar conceitos e inseri-los em outros contextos. Um outro diálogo foi com o filósofo Silvio Gallo, que transladou o conceito de literatura maior e menor do contexto original pensado por Deleuze e Guattari e os inseriu no âmbito educacional dando-lhes outra semântica e denominação. Ele criou, então, os conceitos educação maior e menor. O primeiro é relativo aos dispositivos que constituem as leis, as macropolíticas, os planos diretores e toda a maquinaria governamental para que se faça valer suas diretrizes, violências, imposições no âmbito educacional e nos quadrinhos tudo isso é vertido, por exemplo, nas ideias dele.



Enquanto a educação menor se constrói na sala de aula, no embate entre docentes, discentes, pais e responsáveis. Como cada professor – ou Sofressor - enfrenta seu cotidiano, ou seja, lá na vivência, na imanência onde acontecem as práticas educacionais. Onde o “desejo” da máquina governamental se choca com as singularidades daqueles que lecionam. Eu acreditava que tinha além de justificado o porquê dos meus quadrinhos ainda criara meu conceito do conceito em forma de imagem. O Sofressor é a representação da educação menor. Mas não. Entre o Sofressor e a questão da criação conceitual havia entrechoques, o próprio Deleuze não admite que a imagem seja um conceito filosófico. Há encontros entre imagem e conceito, eles se singularizam, produzem perceptos e afectos, ambos se auxiliam na violência do ato da criação conceitual, mas ainda são distintos. Desse não casamento filosófico ou *devir-divorcio*, o Sofressor encontrou Michel Serres e sua Filosofia Mestiça, um filosofar das misturas, da constante mudança, da diversidade, entre as ideias desse filósofo, o Sofressor amou o trecho sobre a passagem do rio: quem está no meio dele, já não é a margem deixada para trás como também não o é o próximo lado, existe uma zona em que ele é, e não é ambos os lados, uma

mistura insólita, um devir, um mestiço. Ali gritava um porquê, o Sofressor era um mestiço, a mistura entre o conceito e a imagem, embora isso ainda dizia pouco: e depois da travessia do rio? O Sofressor seria quem ou o quê? Uma possível resposta: a tentativa de personificar o pensamento de vários filósofos, como, por exemplo, o pensamento deleuziano sobre como criar conceitos. O que aparentava ser uma vitória do filosofar junto com o universo dos quadrinhos e da educação tornou-se para mim um problema. O Sofressor não era o Sofressor, ele era ou tentava ser a representação de pensamentos dos filósofos posto a nu nos quadrinhos, isto é, ele era um outro, que não ele. Os pensamentos filosóficos seriam reafirmados ou mesmo ilustrados só que em forma de traços e “balõezinhos”, uma *A escola de Atenas* versão tirinhas. Uma espécie de tentativa de institucionalização ratificada pelo filosofar, ou seja, ele não existe por singularizar-se e sim, porque representa as ideias dos filósofos, violentava-se tanto os quadrinhos quanto a filosofia. Seria similar a lógica na qual alega-se que algo é filosófico, porque contém citações de filósofos. Ser apenas uma ilustração em imagens de palavras filosóficas feria o pensamento filosófico como também as reflexões deleuzianas, o Sofressor era uma mera reconhecimento. Eu tinha utilizado pensadores com os quais tento construir minha filosofia para, sem se dar conta, despotencializar o meu personagem. No afã de embasá-lo filosoficamente, produzi panfletos. Meu filosofar tinha me separado do Sofressor. Meu personagem não era meu. Tive que parar. Não me desfiz dos diálogos de até então, refiz o como eu dialogava e se apropriava deles, meus conflitos filosóficos e os que eu enxergava em outros pensadores seriam tracejados em acontecimentos, em situações singulares e problemáticas. É um recomeço. O corpo do Sofressor tem pulsação filosófica, ele não é, por exemplo, um simulacro platônico, nem a eidos do professor que habita o mundo intelectual. O Sofressor, de repente, é a imagem de uma imagem ainda por constituir ou desconstruir-se. Nesse movimento, a nova tentativa (como nos quadrinhos desse trabalho) será conectar-se com filosofias de forma paritária e não meramente ilustrá-las. Assim, o personagem tornar-se um intercessor. “Deleuwear”, “serressear”, “foucaultear” conjugar quaisquer pensadores sem ser o autorretrato dos pensamentos deles em forma de traços. Por exemplo, Deleuze ressalta o quanto é importante acreditar no mundo, em resistir, “rizomasear-se” e produzir acontecimentos... conectar-se com o pensador francês seria reportar-se as ideias do começo desse texto. O Sofressor tem um amigo: o Demer (quadrinho abaixo). Um professor que foi o primeiro colocado na Prova Mérito do Estado de São Paulo, isto significa, na prática, que ele institucionalmente é um exemplo de entusiasmo, dedicação, crença no mundo e profissionalismo para os outros professores. Um profissional, que pela ótica da educação maior venceu, um *winner*, digno de mérito. Conecta-se.



## Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MONTAIGNE, M de. *Ensaio*. Trad.: Sérgio Millet. 1. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SERRES, Michael. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.